

INVESTIGAÇÃO

PT insiste em federalização

Na avaliação da sigla, a conclusão da polícia de que morte de Arruda não teve motivação política prova a necessidade de apuração federal

» VICTOR CORREIA

Para o PT, a conclusão da Polícia Civil do Paraná sobre o assassinato do guarda municipal Marcelo Arruda corrobora o pedido de federalização da investigação feito pelo partido à Procuradoria-Geral da República (PGR). O tesoureiro da legenda em Foz do Iguaçu foi morto a tiros pelo agente penitenciário Jorge Guarinho, apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL), mas o inquérito descartou crime político.

“Ficou evidente que a Polícia Civil do Paraná não quer reconhecer que foi cometido um crime de ódio com evidente motivação política, que tem de ser investigada na alçada da Justiça Federal, como requisitamos à PGR na última terça-feira”, afirmou a presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, em vídeo divulgado ontem.

O partido avalia apresentar uma nova manifestação à PGR, com um adendo ao protocolo já realizado na terça-feira que inclua os novos fatos. Gleisi Hoffmann classificou como “açodada” e “contraditória” a conclusão do inquérito e disse que o desfecho é “mais um incentivo aos crimes de ódio e à violência política comandadas por (presidente Jair) Bolsonaro no Brasil”. “É grande a nossa indignação”, enfatizou. “As provas que a própria polícia recolheu mostram que o assassino foi até a festa de Marcelo de caso pensado, para agredir e ofender exclusivamente por motivação política. E, mesmo assim, a delegada do caso quer concluir que a motivação foi pessoal, exatamente a versão que Bolsonaro e seu vice, (Hamilton Mourão), querem impor contra a verdade dos fatos.”

Sem citar o resultado do inquérito, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também se manifestou. “Marcelo Arruda era um trabalhador, pai, servidor público no Paraná. Planejou sua festa de aniversário em paz, com

CHRISTIAN RIZZI



A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, no velório de Arruda, na segunda-feira. Partido avalia apresentar nova manifestação à PGR

sua família. Marcelo é vítima de uma violência que foi contra a democracia”, postou no Twitter o pré-candidato à Presidência da República.

O diretório petista do Paraná foi o primeiro a criticar o resultado do inquérito. Em nota, afirmou que o encerramento das investigações “é uma ofensa à família de Marcelo”. “Entendemos que as conclusões que constam no inquérito apresentado pela Polícia Civil e Secretaria de Segurança Pública são prematuras e podem levar à interpretação de que o que teria ocorrido com Marcelo seria fruto de uma brigada

comum, sem motivações políticas”, diz um trecho.

Ao **Correio**, o presidente do PT no Paraná, deputado estadual Arilson Chiorato, questionou a celeridade com que a apuração foi conduzida. “A investigação foi encerrada antes mesmo da missa de sétimo dia de Marcelo. Não estou questionando o trabalho da Polícia Civil, mas vários elementos não foram contemplados nas investigações, mesmo com pedido dos advogados, como os aparelhos eletrônicos, o celular do assassino, que pode ter ligado para alguém antes do crime”, ressaltou.

No âmbito estadual, o partido se mobilizou pela criação de uma comissão parlamentar na Assembleia Legislativa para acompanhar as investigações a partir de segunda-feira. Além de Arilson Chiorato, vão compor o colegiado os deputados Tadeu Veneri (PT) e Delegado Jacovós (PL).

“Parece que eles quiseram mais tirar essa marca de crime político do caso do que investigar realmente a motivação”, destacou Chiorato. “Ele (Guarinho) não conhecia as pessoas da festa, que outra motivação teria? Ele invade a festa com motivação política, mas na hora de

puxar o gatilho não foi político?”

Bolsonaristas

Enquanto a oposição denuncia o incentivo de Bolsonaro à violência, a base governista tenta blindar o presidente. Após a divulgação do resultado do inquérito, aliados do chefe do Executivo foram às redes sociais criticar as alegações de motivação política no assassinato.

O deputado federal Pedro Lupion (PP-PR) afirmou que o inquérito “prova que quem tentou levar o presidente Jair Bolsonaro para o meio do caso agiu de



Marcelo é vítima de uma violência que foi contra a democracia

Luiz Inácio Lula da Silva, pré-candidato à Presidência



Será que aqueles que correram para acusar um bolsonarista de ter assassinado um lulista por motivação política vão agora correr para se retratar?

Eduardo Bolsonaro (PL-SP), deputado federal

má-fé”. Já o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, criticou a cobertura da imprensa. “Agora não seria a hora de dezenas e dezenas de horas de esclarecimentos e pedidos de desculpa? Ou é isso ou a parcialidade vai ficar escancarada. Só que o povo não é bobo. E percebe. E, na hora certa, vai falar”, enfatizou.

Filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) indagou: “Será que aqueles que correram para acusar um bolsonarista de ter assassinado um lulista por motivação política vão agora correr para se retratar?” (**Com Agência Estado**)

Moraes notifica presidente

» LUANA PATRIOLINO

Presidente em exercício do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o ministro Alexandre de Moraes deu prazo de dois dias para que o presidente Jair Bolsonaro (PL) se manifeste sobre a ação que o acusa de incitação à violência. Partidos de oposição, que protocolaram o documento, pedem à Corte que o chefe do Executivo seja proibido de fazer discurso de ódio ou de incentivo à agressão, sob pena de multa de R\$ 1 milhão.

A petição foi entregue na última quarta-feira, na esteria do assassinato do guarda municipal Marcelo Arruda, tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu (PR). O crime foi cometido pelo agente penitenciário bolsonarista Jorge Guarinho. As legendas cobram ações para a garantia da segurança e da paz no processo eleitoral.

No despacho a Bolsonaro, Moraes ainda determinou que, após o prazo, mesmo que não tenha havido resposta por parte do presidente, o Ministério Público Eleitoral (MPE) se manifeste, também dentro de dois dias, “com posterior e imediata nova conclusão à Presidência, em virtude do recesso”.

O líder da oposição no Senado, Randolfe Rodrigues (Rede-AP), ressaltou que foi solicitado, ainda, que Bolsonaro use os canais de informação para condenar a violência política e pague a multa milionária para cada ato contrário à determinação.

“O discurso que estimula o conflito entre opositores reflete somente na perda de vidas, como

Nelson Jr./SCO/STF (22/03/2022)



Moraes: prazo para que Bolsonaro se manifeste sobre discursos de ódio

R\$ 1 MILHÃO

Valor que a oposição quer que Bolsonaro pague, como multa, a cada discurso de incitação à violência

a de Marcelo Arruda. Por isso, é necessária uma resposta institucional urgente que ajude a cessar a intolerância política instalada no país”, frisou.

Apuração

Na quinta-feira, a ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF), encaminhou à Procuradoria-Geral da República (PGR) um pedido semelhante, do PT e de 13 deputados federais, para que Bolsonaro seja investigado por incitação à violência. O grupo sustenta que o presidente tem condutas agressivas, que incentivam comportamentos

violentos entre apoiadores.

“Entretanto, o que muitos viam, equivocadamente, como posições folclóricas, inofensivas na vida parlamentar do representante — como a defesa prazerosa de regimes autoritários, odes à tortura, condutas racistas, machistas e homofóbicas etc —, eram, na verdade, apenas a apresentação embrionária de um projeto de poder permeado pelo ódio e pela intolerância democrática, que, tragicamente, viria a ser implementado na sociedade brasileira com sua ascensão ao cargo presidencial”, enfatizou.

Os integrantes da oposição citaram diversos casos de agressão e, em especial, o ápice da violência, que foi o assassinato de Arruda.

A barbárie levou parlamentares de fora da base do governo e a terceira via a recorrerem ao TSE e à PGR para cobrar providências contra a violência política no país. As siglas destacaram que Bolsonaro incita o comportamento hostil dos apoiadores e pediram a federalização do caso Arruda.

Bolsonaro relembra a facada

» INGRID SOARES

Em meio à discussão sobre violência política, o presidente Jair Bolsonaro (PL) desembarcou em Juiz de Fora (MG) pela primeira vez depois da facada que levou na cidade na campanha eleitoral de 2018. Durante discurso em evento evangélico, o chefe do Executivo relembrou o caso, destacando os primeiros socorros, a transferência para São Paulo e a série de cirurgias.

Segundo Bolsonaro, médicos avaliaram que, a cada 100 pessoas vitimadas por uma facada como a desferida contra ele, apenas uma tem chance de sobrevivência. “Alguns acham que é sorte. Eu acho que é outra coisa: é a mão de Deus”, afirmou, destacando que não morreu porque tinha de “cumprir uma missão”.

No discurso, Bolsonaro também voltou a colocar em dúvida a lisura das eleições de 2018, sustentando que ganhou no primeiro turno. De novo, porém, não apresentou provas.

Fachin

Bolsonaro repetiu ataques ao presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Edson Fachin. “Quem foi que tirou o Lula da cadeia? Foi o ministro Fachin. E onde está o ministro Fachin? Conduzindo o processo eleitoral. Suspeição, ou não é? Qualquer aluno do primeiro semestre de direito diz que é suspeição”, alegou. Na verdade, Fachin anulou as condenações do petista na Lava-Jato. O ex-presidente foi solto por outro motivo: o plenário do

Douglas Magno / AFP



Presidente discursa na Santa Casa de Misericórdia, em Juiz de Fora

Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou a possibilidade de prisão após condenação em segunda instância.

O chefe do Executivo também disparou críticas a Lula, líder das pesquisas de intenção de voto para a Presidência. “Escolhas erradas levam a políticas erradas. Querem botar um navalha para dirigir essa Ferrari chamada Brasil? Vai capotar.”

O presidente pediu aos eleitores que votem com a razão e não com o coração ou por raiva. “Nós somos escravos das nossas escolhas. E temos escolhas pela frente. É um casamento, é a decisão de ter filhos, de comprar um imóvel, de votar. ‘Vota com o coração, com raivinha, com o fígado’. Ah! Tem de ser com a razão. Vote em quem bem entender, mas tem que ser com a razão”, frisou. “Alguns querem botar para dirigir a nação uma pessoa comprovadamente corrupta, e parece que fica coçando a mão. Tem gente que acha que vai dar certo. Não tem como dar certo.”

A exemplo de outras ocasiões, Bolsonaro desabafou com o público evangélico afirmando não ter uma vida perfeita e que o cargo de presidente o faz viver como

um “presidiário em prisão domiciliar sem tornozeleira eletrônica”.

Após o encontro com religiosos, o chefe do Executivo seguiu para a Santa Casa de Misericórdia da cidade. Foi no local que ele recebeu os primeiros socorros após a facada. O presidente se disse grato à equipe médica e se emocionou lembrando que, no dia do atentado, rezou para se recuperar e não deixar órfã a filha, Laura.

Bolsonaro também falou de Adélio Bispo, autor do ataque. O agressor foi diagnosticado com transtorno delirante permanente e segue preso. A Polícia Federal concluiu que ele agiu sozinho. “Alguns perguntam: ‘Quem foi que tentou te matar?’ Temos o assassinato, tem três advogados com condições, não são advogados pobres. Um chegou de avião no dia seguinte. Temos pessoas que tentaram entrar na Câmara usando o nome do Adélio, entre tantas e tantas coisas (...), mas a gente sabe que as coisas são complicadas no Brasil.”

Horas antes, Bolsonaro participou de uma motocicleta. No ato, uma simpatizante de Lula o chamou de corrupto e foi retirada do local por seguranças.